



PSICANÁLISE & SEMIÓTICA

Adriano Messias

Antropoceno, Epidemias e Pandemias

Da pré-história ao covid-19

Blucher

**ANTROPOCENO,
EPIDEMIAS E PANDEMIAS**

Da pré-história ao covid-19

Adriano Messias

Antropoceno, epidemias e pandemias: da pré-história ao covid-19

© 2024 Adriano Messias

1ª edição – Blucher, 2024

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Juliana Moraes

Preparação de texto Luana Negraes

Diagramação Plínio Ricca

Revisão de texto Regiane da Silva Miyashiro

Capa Laércio Flenic

Imagem de capa Torres de Serranos em Valência/Espanha de Frederico Luis Moreira

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Messias, Adriano

Antropoceno, epidemias e pandemias da
pré-história ao Covid-19 / Adriano Messias. –

São Paulo: Blucher, 2024.

166 p.: il., color.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2242-2

1. Civilização – História 2. Pandemias

3. COVID 19 (doença) I. Título

Índice para catálogo sistemático:

1. Civilização – História

Índice

Introdução – A tanatopolítica no Brasil da pandemia do covid-19	7
Parte I – Germes na história humana	11
1. Germes do corpo, germes da cultura	13
2. O surgimento dos micro-organismos no planeta	21
3. A humanidade e as doenças	31
Parte II – Vírus na biologia e na semiótica	91
4. O que é um vírus?	93
Parte III – Covid-19 e tanatopolítica	117
5. Tudo começou com o negacionismo	119
6. Pandemônio icônico	123

7. Alucinações semióticas	127
8. Redundâncias na comunicação	143
Parte IV – Quando será a próxima epidemia?	149
Referências bibliográficas	155
Referências audiovisuais	165

Introdução – A tanatopolítica no Brasil da pandemia do covid-19

A civilização é uma fina epiderme que nos reveste. Habitamos essa pele ou, antes, é essa pele que nos habita. Entretanto, o que lhe vai por baixo? A animalidade, verdadeira pelagem que pode ser onça, jaguar, urso, lobo, lagarto. Basta arranhar a racionalidade, sem muito esforço, e aparecem o couro e a estampa do bicho do qual fomos feitos à imagem e semelhança. No princípio, era o totem. Pela instrumentação linguística e sobretudo pelas opções racionalistas pós-Iluminismo, tornamo-nos, porém, um animal recalcado. Somos palimpsestos, ainda que não queiramos saber nada sobre essas marcas que vicejam meio milímetro abaixo do que chamamos de cultura.

As conformações culturais que souberam lidar com a animalidade, que não a reprimiram tão fortemente, que fizeram pontes resistentes com o simbólico, viveram em maior harmonia, a exemplo de várias etnias indígenas. O perspectivismo ameríndio é um bom ponto de partida para se pensar que seria mais adequado investigar as razões da desrazão: o que leva certos grupos humanos a buscarem a contramão do processo civilizatório em que se encontram, em vez de uma outra via a partir deste?

A obra *Postmodernity and its Discontents*, de Zygmunt Bauman, publicada no Brasil com o título *O mal-estar da pós-modernidade* (2022), data de 1997. O século passado já ia se findando, e sequer imaginávamos o que estaria por vir, ainda que os filósofos e os artistas intuissem que não haveria um bom começo de milênio. Trata-se de um livro que não perdeu o viço com o passar das décadas, e que me serve de ponto de reflexão para o Brasil sob a catástrofe pandêmica: por um lado, um país imerso em um *nonsense* político de frentes plurais e com feições psicanaliticamente perversas; por outro, uma nação acuada pelo vírus do covid-19 e pelo que as *fake news* disseram ser ele.

Desde o início, a pandemia serviu como um terrível e abominável exemplo de como práticas tanatopolíticas têm sido usadas na pós-modernidade mundo afora. Contrariando certo senso comum presente em discussões midiáticas, não podem ser detectados “traços medievais” naquelas gestões políticas: afinal, as metáforas com as invasões bárbaras e o fim da civilização nunca se valeram – até porque essa dupla dicotômica é problemática. Pensemos que os Estados totalitários ou com propensões e intenções totalitárias, como viemos a conhecer no século passado, são uma invenção da modernidade.

As ações tanatopolíticas visam eliminar os redundantes e perseverar com os resilientes – ou, ao menos, deixar estes últimos viverem –, e o Brasil tem sido historicamente um campo de práticas desse tipo, desde o período da colônia. Não são outra coisa as práticas de extermínio, escravização e depauperamento cultural e material de povos originários e povos africanos.

Volto a Bauman e ao seu esclarecedor livro: já na “Introdução”, podem ser lidas alusões a um dos mais conhecidos textos freudianos, “O mal-estar na civilização”, nascido como “A infelicidade na cultura” (“Das Unglück in der Kultur”), posteriormente “O mal-estar na cultura” (“Das Unbehagen in der Kultur”). Em inglês, adotou-se inicialmente o título “Man’s discomfort in civilization” (“O desconforto

do homem na civilização”, em tradução livre); mais tarde, “Civilization and its discontents” (“A civilização e seus descontentamentos” ou “dissabores”), dos quais se justificam as versões em português que se alternam entre “cultura” e “civilização”. Para fins deste texto, ambas nos servem. Porém, como as civilizações do passado mais remoto, em geral, não se pensavam como “civilização” ou “cultura”, o próprio Bauman informa que “civilização moderna” é um pleonasma.

Na esteira do filósofo, saliento as três benesses civilizatórias, aquelas que parecem justificar todas as contenções e todos os recalques, enfim, tudo aquilo de que abdicamos (e que diretamente se ligam à sexualidade e à agressividade): a beleza, a pureza (ou limpeza) e a ordem. Evidentemente, todas estão em xeque e não passam ilesas ao pensamento filosófico, até porque, conforme for o entendimento de “pureza”, “beleza” e “ordem”, cai-se facilmente em algum pensamento neofascista. Bauman fala da *Narrenschiffen* (“a nau dos loucos”), parte do ideal de pureza, relembrando Foucault: os considerados loucos, no alvorecer da Idade Moderna, eram “dispensados” no mar em uma viagem sem volta – evento retratado nas artes visuais e na literatura. A nau, entretanto, nos serve como metáfora: sempre houve categorias de seres, humanos ou não, consideradas inferiores, sujas, inadequadas, pervertidas, e os preconceitos, nesse sentido, têm a ver com a má relação com o próprio recalque, ou seja, com a incapacidade de reconhecer no outro algo que remete à própria história subjetiva: “Não é de surpreender que as pessoas [...], em seus frenéticos esforços de separar, confinar, exilar ou destruir os estranhos, comparassem os objetos das suas diligências aos animais nocivos e às bactérias” (Bauman, 2022, p. 19).

Este livro, que faz parte de minha longa pesquisa sobre o Antropoceno, nasceu praticamente espremido entre o terceiro e o quinto títulos: quando eu findava a organização de *Cinema e Antropoceno: novos sintomas do mal-estar na civilização* (o tomo três, publicado em 2023 pela Blucher), já estávamos em colisão com a pandemia do covid-19, e foi inevitável pensar sobre ela. Ainda que o título desta obra

seja *Antropoceno, epidemias e pandemias*, para uma teorização mais sólida sobre o tema específico do Antropoceno, peço que consulte os livros dois (*Comunicação e Antropoceno: os desafios do humano*, 2019a), três – mencionado anteriormente – e cinco (*Antropoceno, tratado geral sobre o fim do mundo humano*, ainda por ser lançado).

Antropoceno, epidemias e pandemias se divide em três partes principais: “I. Germes na história humana”, “II. Vírus na biologia e na semiótica” e “III. Covid-19 e tanatopolítica”, com breves considerações finais no item “IV. Quando será a próxima epidemia?”. Na primeira parte, realizo uma espécie de sobrevoo histórico e caleidoscópico sobre alguns aspectos ligados às doenças e à sua transmissão. A segunda parte trata especificamente de um olhar semiótico sobre os vírus, de onde discuto seu lugar de indefinição e de incômodo na biologia. Na parte terceira, lanço um olhar específico sobre o Brasil e suas formas de enfrentamento (ou não) da pandemia.

Mais uma vez, trago uma obra que se localiza em campos transdisciplinares e que faz uso de olhares múltiplos para pensar o contemporâneo, o mal-estar e os problemas humanos. Por um lado, não ficaremos isentos de epidemias e pandemias; por outro, continua sendo desafiador e urgente nos livrarmos dos posicionamentos que comprometem a continuidade da vida no planeta.

1. Germes do corpo, germes da cultura

Elas entraram e notaram que era o castelo de um rei que tinha dois filhos. Um deles estava doente, à beira da morte, e ninguém conseguia descobrir o que ele tinha.

Carter, 2007, p. 44

Muitíssimo tempo atrás, quando existia pouca gente no mundo, não havia tantas doenças. Mas conforme as populações cresceram e os homens passaram a morar mais próximos, em grandes cidades e civilizações, surgiram novas espécies de micróbios. Por isso, vários milhões e bilhões de seres humanos foram mortos. E, quanto mais aglomeradas as pessoas se encontravam, mais terríveis eram as novas doenças.

London, 2003, p. 37

A primeira epígrafe que abre este texto traz um tipo de narrativa recorrente nos contos populares há séculos: era muito comum alguém estar com alguma doença desconhecida e personagens se mobilizarem para encontrar uma cura. Às vezes, o acometido pelo mal morria; outras vezes, ele se curava por milagre, por obra de algum agente ou objeto mágico, ou, ainda, pela demonstração de amor de uma princesa ou príncipe.

Assim foram entendidas as enfermidades em boa parte da existência da espécie humana: consequências de maldições, pragas, ira divina, proximidade de determinados objetos, efeitos de impressões fortes a partir de algum evento ou – como perdurou na ciência até o início do século passado – pela emanção de miasmas deletérios que se supunham surgir da terra úmida e dos ambientes pantanosos. Também se acreditava que o vento podia trazer as pestes e, por muito tempo, foi comum o hábito de se evitar correntes de ar e de se manter as janelas fechadas sempre que possível. Olhava-se ainda com desconfiança para a água, pois se acreditava que ela poderia adoecer pessoas, mesmo que sua aparência fosse límpida e clara.

Na vasta corte de Luís XIV, o “Rei Sol” dos franceses, supunha-se que o excesso de banhos trazia desproteção para o corpo – de fato, muitos adoeciam após se banharem, mas isso se devia à contaminação causada pelas fontes do palácio de Versalhes. A falta de hábitos de higiene pessoal convivia com a propagação de piolhos, ratos, sarna, e, não raro, as mulheres nobres enrolavam peles de animais nos pescoços para que as pulgas se alojassem por lá em vez de em suas já sofridas peles. Os corredores palacianos eram repletos de urinóis e penicos frequentemente esvaziados nas próprias janelas pelos criados. Versalhes era como uma cidadela na qual muitos – do mais baixo ao mais alto escalão nobiliárquico – desejavam passar suas vidas, ainda que acomodados promiscuamente em pequenos quartos insalubres: uma cultura de parasitismo social, em que a figura real atuava como um astro em torno da qual constelavam milhares de bajuladores. É sabido que parte do fedor pela falta de banho, pelo acúmulo de roupas, pelo uso intenso de perucas e pelo suor abundante no verão – quando todo o palácio se transformava em uma enorme estufa reprodutora de bactérias de todos os tipos – era disfarçada pelos perfumes, já famosos naquela época.

Na literatura nacional, temos uma obra clássica de Aluísio Azevedo: seu conto de terror gótico *Demônios* (Azevedo, 2021) narra as

desventuras de um jovem escritor que desperta no meio da noite e se percebe em uma Rio de Janeiro distópica e decadentista, na qual apenas ele e a noiva pareciam ter sobrevivido entre cadáveres, fungos e lodo.

Em 1912, Jack London publica *A praga escarlate* (London, 2023), outro conto pós-apocalíptico, no qual um velho narra, a um bando de garotos iletrados e negacionistas, como era o mundo antes de uma pandemia surgida no início do século XXI – a denominada “morte escarlate” – ter dizimado quase toda a espécie humana. Em seu texto, London apresentou uma previsibilidade demográfica intrigante ao afirmar que, em 2010, o censo mundial fixaria uma população em 8 bilhões de pessoas e que uma pandemia, três anos mais tarde, seria a responsável pela redução drástica dessas vidas. O escritor ainda colocou como “avô” da menina um octogenário professor de literatura desprestigiado pela “involução” civilizatória, numa época em que não havia mais espaço para o pensamento científico nem para a cultura dos livros. Destes últimos, ele guardou os remanescentes em uma caverna. Algo parecido com essa persistência humanista de Jack London ressoou em alguns de nós quando nos guardamos em casa durante a pandemia do covid-19 e nos rodeamos de livros.

Os exemplos anteriores ilustram o quanto os germes fazem parte da civilização. Claro, eles passam a existir praticamente com a origem da própria vida planetária. Quando nossa espécie começou a caminhar sobre dois pés, já sofria com infecções causadas por vírus e bactérias. E, se há germes bons e outros ruins, este livro trata dos do segundo tipo: os perigosos e assustadores, aqueles que assolam famílias, cidades, regiões e até mesmo o mundo todo, de tempos em tempos.

Enquanto você lê estas páginas, saiba que muitos surtos de doenças estão acontecendo planeta afora, e desastres sanitários nos aguardam em estado de latência, à espera de um simples agente disruptivo. Há décadas, epidemiologistas nos vinham alertando sobre as múltiplas possibilidades de novas epidemias e pandemias. Não foi por falta

de notificações e estudos científicos que o covid-19¹ surgiu e se espalhou como uma fera invisível e mortífera por praticamente todos os países deste planeta que, por enquanto, é o único que temos para nos refugiarmos. Em 11 de julho de 2020, ante o avanço descontrolado da nova doença pelo mundo – cerca de 12 milhões de contaminados até aquele dia –, o então diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, fez um apelo emocionado: “Por que é tão difícil para os humanos se unirem para lutar contra o inimigo?” (BBC, 2020).

Nesta obra, aqui e ali, estão casuísticas clássicas da história da epidemiologia: elas são tidas como exemplares para a compreensão dos germes e de como a humanidade lidou com eles, indo desde as relações mágicas, xamânicas e sobrenaturais, passando-se por uma medicina pouco profunda e colada à retórica, à alquimia e às ciências ocultas, até chegarmos a falsas hipóteses científicas – estas, por sua vez, quase sempre passos interessantes rumo a descobertas que, de fato, mudariam a relação de nossa espécie com as enfermidades. A ciência, finalmente, começa a triunfar a partir do século XIX e, ainda com mais arroubo e sucesso, no século passado e no atual.

Ao refletir sobre os vírus como um tipo de monstro muito real – metaforicamente, com um comportamento similar ao do zumbi cinematográfico –, decidi também estudá-los. Porém, dos vírus, passei às bactérias e aos fungos. O que, de início, seria um breve

1 Quando surgiu, o nome era uma sigla: “co” se referia a “corona”, “vi” a “vírus”, “d” a “doença”, a partir da terminologia inglesa *coronavirus disease*. O numeral indica sempre o ano em que a enfermidade aparece pela primeira vez. Então, a grafia obedecia à regra das siglas em língua portuguesa (de onde “Covid-19”). Com o tempo, porém, a mesma sigla passou a designar a doença causada pelo vírus e se tornou, por isso, substantivo comum (grafado com “c” minúsculo, portanto). O mesmo raciocínio se aplica à grafia das nomenclaturas de outras doenças e síndromes, como a aids que, nos primeiros anos, se escrevia “Aids”.

ensaio contendo minhas considerações sobre a atuação da mídia televisiva brasileira em coberturas do covid-19 – bem como correlações tanatopolíticas que eu assinalava na esfera da saúde pública em vários países à medida que a pandemia avançava pelo mundo – tornou-se logo uma escrita mais ampla. É que a própria história da medicina surgiu para mim carregada de paixão, de *pathos*, e pensar o passado iluminava imensamente o presente obscuro da civilização em 2020, no qual este escritor e pesquisador estava, como provavelmente você, tentando entender o imenso caos em meio ao qual se buscava dar nome e solução.

Tenho apreço por abordagens amplas, que incluam coletivamente vários elementos que componham um objeto de estudo, tal qual se deu em minha obra *Todos os monstros da Terra: bestiários do cinema e da literatura* (Messias, 2022b). Nela, trato de formas monstruosas, sobretudo no campo da ficção audiovisual, entendidas como sintomas da cultura e das diferentes épocas da humanidade. Obviamente, o título é provocativo: é impossível abordar todos os monstros, assim como todos os germes do planeta, em uma única obra – nem que fosse um compêndio coletivamente redigido. Nisso reside um traço do simbólico, instância formadora da estrutura do sujeito proposta por Jacques Lacan: aquele que sugere a inapreensibilidade plena do real – ou seja, daquilo que, grosso modo, não passa pelo campo da linguagem e, ainda assim, nos assola –, a fim de dele nos eximirmos. É que ambos, simbólico e real, não prevalecem sem coexistência: se pressupõem. Ora, o simbólico – e, aqui, sempre na trilha conceitual lacaniana – nos auxilia a fazermos pontes e a darmos sentido, em especial no âmbito social, quando ameaças advêm. Elas podem ser imaginárias – como a desastrosa transmissão radiofônica de uma adaptação do romance *A guerra dos mundos*, de H. G. Wells, em 1938 – espécie de *fake news avant la lettre* (Messias, 2022b, pp. 220-221); ou podem ser pura intromissão da “natureza” no mundo “civilizado” – e

uso as asas justamente por considerar que essa dicotomia sempre foi problemática. Assim como em muitos produtos da ficção científica, o final para uma catástrofe costuma se dar por meio de uma solução *deus ex machina*, como se verifica no exemplo anteriormente citado; podemos dizer que, enquanto não havia vacinas disponíveis para o covid-19, permanecemos também na esperança de que algo surgisse para frear aquele vilão da vez.

Não raro, um vírus se alastra em grupos humanos após ser “encontrado” pelas pessoas no coração de uma floresta ou em outro ecossistema, podendo haver uma perigosa mutação – para nós – quando aquele é transmitido à nossa espécie ou a espécies que domesticamos – como galinhas e porcos. Inicialmente, ele pode ser transmitido a outro animal que não o da sua base original e, deste, o patógeno pode infectar um humano (a exemplo das interações morcego-humano ou da suposta tríade morcego-pangolim-humano). O que interessa é que boa parte das doenças infecciosas com as quais convivemos poderiam ter sido evitadas ou grandemente minimizadas, e este livro também insiste nesse aspecto.

Acho pertinente afirmar que a atuação biológica de patógenos na humanidade sempre vem crescendo – se não piorada – por visões coletivas ou governamentais limitadas, supersticiosas, negacionistas, o que torna o saneamento, o controle do patógeno e a cura dos doentes mais difíceis. A forma como a pandemia do covid-19 foi tratada por certos governos em determinados países – entre eles, infelizmente, o Brasil – tem muito de similitude com visões tanto governamentais quanto do senso comum ainda da época daquela pandemia que foi (injustamente) chamada de “gripe espanhola”, cujo ápice se deu de 1918 a 1919. Ou seja, mais de cem anos depois, ainda se repetiram comportamentos e falsas ideias que colaboraram

para que um número muito maior de pessoas fosse infectado pelo SARS-CoV-2² e viessem a morrer.

Em várias instâncias governamentais por todo o planeta, ficou claro o quanto omissões e maus gerenciamentos explicitaram uma volição de ordem tanatopolítica: ou seja, o “morrer pelo morrer”; o “deixá-los se contaminar” para (também) “deixá-los morrer”. Esse é um tema fundamental para reflexão, caso queiramos um mundo menos desigual e com predomínio de ações democráticas, inclusivas e plurais. As nefastas reapropriações e revalidações de formas totalitárias de governos do século passado que encontramos na contemporaneidade chamam à responsabilidade ética cada cidadão mediante seu poder de voto: as escolhas das urnas de ontem podem ser decisivas para a manutenção ou não de vidas hoje ou amanhã.

Por isso, surtos de doenças, epidemias e pandemias se comportam ao sabor de investimentos consistentes ou sofríveis em ciência, pesquisa e educação, de boas ou más gestões públicas, de planejamento sanitário adequado ou precário, de direcionamentos políticos solidários ou perversos.

Com este livro, meu desejo é que nos livremos não apenas dos germes ruins que assolam o corpo, mas também daqueles que, engendrados sempre pela cultura, destroem a paz, a cooperação e a alegria.

Saúde!

2 Do inglês *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (síndrome respiratória aguda grave do coronavírus 2). Ainda assim, é bem comum que se trate o vírus pelo nome da doença (covid-19) e vice-versa. A importância da taxonomia para os vírus é que, com isso, se evitam preconceitos ligados às doenças: no início, o covid-19 foi chamado de “vírus chinês”. A sífilis já foi denominada de “pústula francesa”; a *influenza* aviária de 1918 permanece até hoje como “gripe espanhola”, enquanto a aids era a “doença gay” nos anos de 1980. Sobre a taxonomia do SARS-CoV-2, cf. Lesney (2020).



O tema do Antropoceno, tão caro ao pesquisador Adriano Mesias, retorna neste volume em intersecção com os episódios epidêmicos e pandêmicos que assolaram a humanidade, chegando até ao covid-19.

Pensar a “Era do Humano” implica considerar o *sapiens* agente de multifacetadas alterações que modulam e redirecionam a trajetória da civilização e de boa parte das espécies planetárias, e sem possibilidade de retorno a uma condição de maior segurança. Junto às catástrofes do aquecimento dos oceanos, das alterações climáticas e das extinções biológicas, espalhamos – literalmente com as próprias mãos – formas de contaminação que acabam por se transformar em calamidades sanitárias.

Esta obra integra uma longa pesquisa que inclui ainda: *Todos os monstros da Terra: bestiários do cinema e do Antropoceno* (prêmio Jabuti); *Comunicação e Antropoceno: os desafios do humano*; *Cinema e Antropoceno: novos sintomas do mal-estar na civilização* e, no prelo até esta edição, *Antropoceno, tratado geral sobre o fim do mundo humano* – livros do mesmo autor e editados pela Blucher.

PSICANÁLISE &
SEMIÓTICA

ISBN 978-85-212-2242-2

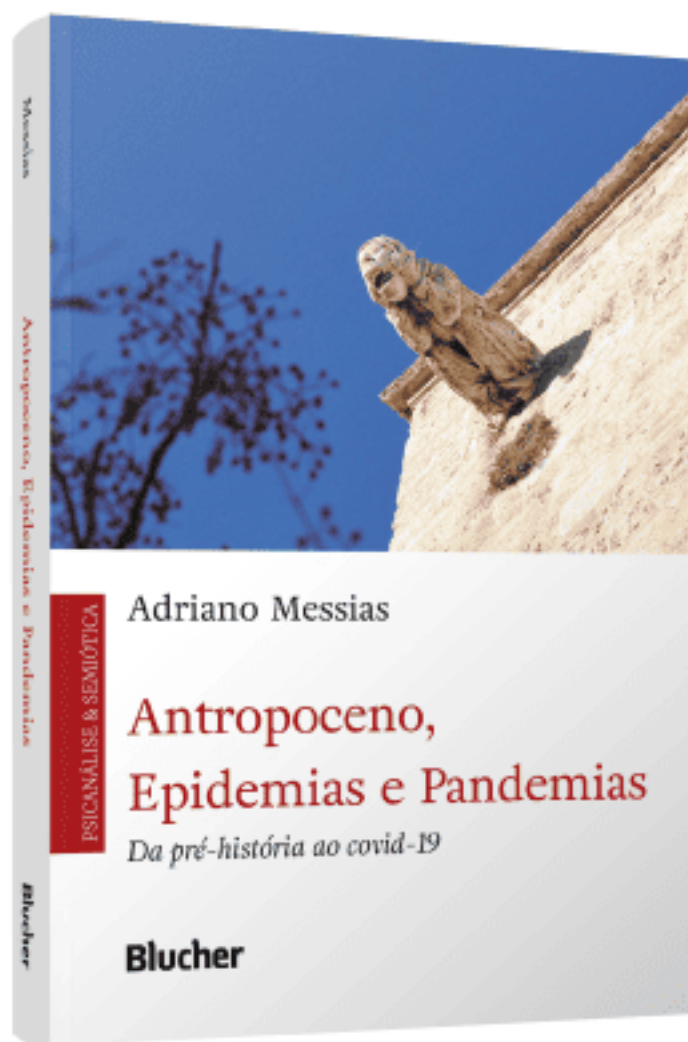


9 788521 222422



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Antropoceno, Epidemias e Pandemias

Da pré-história ao covid-19

Adriano Messias

ISBN: 9788521222422

Páginas: 166

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
